

Um contexto religioso

Após a revolução de 1789, a paz religiosa foi estabelecida entre Napoleão e o Papa Pio VII, através da Concordata de julho de 1801.

Uma família

Antoine Joseph Gailhac, seu pai e Jeanne Elisabeth Crouzilhac, sua mãe, ambos sabem pôr em relevo os valores de uma família honesta e cristã que permitia desenvolver a personalidade e favorecer o despertar da fé nos seus sete filhos.

Uma criança

É dentro deste contexto que nasce Antoine Pierre Jean Gailhac, a 13 de novembro de 1802, na Rua do Puit Nef, em Béziers, sendo o segundo filho de uma família profundamente cristã.

Um estudante

O Pe. Gailhac pertencia a uma família modesta de classe média. Chegada a idade escolar os seus pais confiaram-no ao Pe. René (ex-Récollet) que dirige uma escola na cidade. Mais tarde, é no Colégio particular Henrique IV, dirigido pelo Pe. Pascal Eustache que ele começa os seus estudos secundários.

Aos 14 anos interrompe os estudos e vai para casa de um tio, em Toulouse, a fim de se iniciar na profissão de farmacêutico.

Ao cabo de seis meses de experiência, toma consciência que esta profissão não responde às suas aspirações.

Um seminarista

A 7 de outubro de 1821, com 18 anos de idade, Jean Gailhac entra no Seminário Maior de Montpellier. As apreciações dos professores e as suas próprias notas espirituais, revelam-no: *aplicado, profundo, interessado em progredir e desenvolver os seus talentos*. Antes da ordenação ele traça as grandes linhas do seu projeto: *“Toda a minha vida será consagrada a Deus. Todo o meu tempo será repartido entre a oração, o cumprimento do meu dever e o estudo. O tempo não preenchido por estas ocupações será consagrado às obras de caridade”*. Com 23 anos, no dia 23 de setembro de 1826, recebe a ordenação sacerdotal. No seminário Maior de Montpellier, começa o seu ministério como professor de Filosofia.

Um discernimento, uma escolha

De Toulouse, decide escrever a seus pais pedindo-lhes voltar para casa a fim de continuar os estudos clássicos.

No Colégio de Béziers, obtém o diploma de final dos estudos secundários. Nesta altura entra num processo de discernimento da sua vocação e, sob a direção espiritual do Pe. Martin e com o seu apoio, toma a decisão de se fazer padre. *“Eu serei padre, mas um santo e bom padre”*, diz ele – e, alguns anos mais tarde escreve: *“Eu senti o dever e a necessidade de amar a Deus e de O fazer amar”*.

Esta primeira decisão marca todas as outras que tomará no futuro e que vão orientar toda a sua vida. *“ser padre para amar a Deus e O fazer amar”*.

Um padre jovem

Ainda que na Igreja surjam várias correntes teológicas, o Pe. Gailhac, o jovem padre, dinâmico e zeloso da recristianização de França, mantém-se à distância de todas estas polémica e põe toda a sua energia no “tesouro escondido” que ele encontrou. Pela segunda vez, na sua vida, Gailhac teve de discernir, de escolher: deixar a cátedra do seminário ou tornar-se capelão do hospital militar de Béziers. Ele toma consciência que a sua cidade natal é um vasto campo de evangelização e apercebe-se ainda que ele não é apenas um padre da sua terra, mas um padre para a sua terra.

Um Capelão (Hospital Militar)

Este lugar humilde, o menos procurado entre todos, estava vago. Com surpresa dos seus superiores, Jean Gailhac solicita-o. Estes tentam retê-lo no seminário onde é muito apreciado. Mas em vão. Para o Pe. Gailhac o hospital “é caminho para o céu”.

O nosso jovem capelão receberá do céu uma graça preciosa: um grande amor a Deus e este amor fá-lo amar ternamente o próximo e dedicar-se inteiramente por Ele. Sente sobretudo uma grande compaixão pelos infelizes: os pobres, os doentes, os débeis. É esse mesmo o lugar que lhe convém. Aí poderá exercer a caridade para com os membros sofredores de Jesus Cristo.

Tomou a capelania do hospital em 1830 e aí permanece até 1849, para se entregar às novas obras a que a Providência o chama.

Um Empreendedor

Ao ver a situação de tantas jovens caídas nas malhas da prostituição, decide pagar do seu próprio bolso a pensão de algumas delas que envia ao refúgio de Montpellier.

As necessidades sociais são cada vez mais numerosas. Assim, depois de ter consultado os seus colegas e com a autorização do Bispo, a 29 de novembro de 1834, o Pe. Gailhac abre, em Béziers, o Refúgio - chamado Refúgio do Bom Pastor. Esta foi a sua primeira obra. A ela se entrega totalmente, fazendo-se ajudar por pessoas generosas e compassivas.

Mais tarde, uma mulher encontra-o e depõe-lhe nos braços a sua criança dizendo-lhe: “não quero que mais tarde a minha filha venha a ser uma desgraçada como eu”. Este acontecimento imprevisto deu início ao Orfanato. Para gerir estas duas obras era necessária uma equipa educativa bem organizada. É assim que as obras se estruturam, se desenvolvem e se transformam.

Entre 1840 e 1849, uma vez mais o Pe. Gailhac é chamado a discernir. Deve ou não fundar uma congregação que participe da sua mesma visão de Deus, do mundo, tentando assim responder às necessidades mais urgentes do momento? O Pe. Gailhac pondera a sua decisão.

Nas suas diferentes obras ele é já ajudado por um grupo de senhoras, experientes no domínio da educação e que com ele colaboram estritamente. A esta equipe vem juntar-se uma viúva, *Appolonie Cure Pellissier* que põe a sua pessoa e os seus bens ao serviço das obras do Pe. Gailhac.

Um Fundador

Chegou o momento oportuno para congregar estas senhoras – Apollonie Pélissier, Eulalie Vidal, Rosalie Gibal, Ser Jeantet, Cecile Cambon e Marie Roques - que decidem construir uma comunidade. Nasce assim a Congregação do Sagrado Coração de Maria, a 24 de fevereiro de 1849.

Pouco tempo depois vai surgir um pensionato, com vista, entre outros objetivos, o de sustentar financeiramente as obras já existentes.

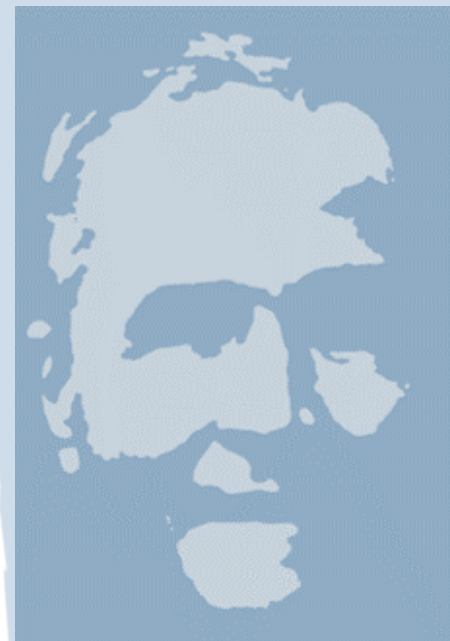
Vinte e dois anos mais tarde a Congregação estende-se até à Irlanda, Portugal, Inglaterra e América.

Um Santo

Depois de tudo isto cumprido o Pe. Gailhac entra na eternidade de amor com o seu Deus, a 25 de janeiro de 1890.

A vida e a obra do Pe. Gailhac consistiram, em tudo e sempre, para conhecer Deus e torná-lo conhecido, amar a Deus e fazê-lo amar ‘para que todos tenham Vida’. Nada mais contava a não ser a dignidade da pessoa e a glória de Deus.

O Papa Paulo VI, a 22 de junho de 1972, promulgou um decreto declarando que as virtudes teológicas de fé, esperança e caridade relativas a Deus e ao próximo, assim como as virtudes cardeais de prudência, justiça, fortaleza e temperança estavam presentes em grau heroico em Jean Gailhac. Sendo, hoje, reconhecido como Venerável.



*“Senti
o dever e a necessidade
de amar a Deus
e de O fazer amar”*